

Cresce desmatamento na amazônia

Virgínia Silveira
de São José dos Campos

A taxa média anual de desmatamento na Amazônia brasileira voltou a crescer em 1998, segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), com base em 46 imagens de satélite, onde se concentram hoje 75% das atividades de desmatamento na região. Foram perdidos 16.838 quilômetros quadrados de floresta contínua, num incremento de 27% em relação a taxa de desflorestamento registrada no ano anterior, quando foram derrubados 13.227 quilômetros quadrados de cobertura vegetal na Amazônia.

A estimativa feita para o ano de 98 fica bem próxima aos números registrados no período de 88/89, época em que o total da área desmatada na Amazônia atingiu 17.860 hectares, número que chamou a atenção da comunidade internacional e estampou manchetes das revistas Times e Newsweek.

Os números apresentados pelo Inpe, segundo o secretário-executivo do Instituto Socioambiental, João Paulo Capobianco, mostram um descontrole no desmatamento da Amazônia. "Fica mais do que provado que o governo ainda não im-

plementou uma política consistente para alterar esse quadro.

Pelo contrário, toma medidas que fragilizam ainda mais a legislação ambiental, que poderia servir de salvaguarda", afirmou. Para se ter uma idéia da gravidade dos números, segundo Capobianco, os 13.227 km² perdidos em 1997 equivalem a 5 mil campos de futebol desmatados por dia.

Segundo a coordenadora geral de Observação da Terra do Inpe, Thelma Krug, entre janeiro de 1978 e agosto de 1997 a Amazônia perdeu cerca de 532 mil km² de cobertura vegetal, ou 15% da área de floresta bruta da região. Somente nos últimos cinco anos, segundo o Instituto Socioambiental, 11% do total da floresta foram desmatados.

Para Roberto Smeraldi, da ONG Amigos da Terra, a estimativa feita pelo Inpe para 98 ainda é conservadora. Os números, segundo ele, estão subestimados e o desmatamento real seria, pelo menos, de 15% a 20% maior que o divulgado.

"O estudo do Inpe não levou em conta as áreas desmatadas pela exploração de madeira seletiva, a de pequenos assentamentos de colonização e as áreas que envolvem o Es-

tado do Amapá e parte de Roraima, por não serem detectadas pelo satélite, em função da cobertura de nuvens", explicou.

Além disso, as imagens produzidas pelo satélite americano Landsat, utilizado no mapeamento da evolução do desflorestamento da Amazônia, só conseguem identificar alterações em áreas de floresta, a partir de 6,25 hectares.

A grande questão hoje é que a dinâmica do desmatamento na Amazônia não é mais a mesma da década de 80, quando estava vinculada a grandes projetos agropecuários, incentivados pelo governo federal. Os últimos dois anos, segundo Smeraldi, foram praticamente perdidos na luta contra o desmatamento.

"Os números da devastação na Amazônia apontam para uma situação grave e todas as medidas e pacotes emergenciais anunciados pelo governo nesse período em nada contribuíram para a redução do desmatamento". A situação chegou a um ponto difícil de se reverter, segundo Smeraldi, com um prejuízo acumulado que supera 40 mil quilômetros quadrados de florestas que foram degradadas pelo fogo ou pela ação do homem.